

A LINGUAGEM DO FUTEBOL: VARIANTE LUSITANA E VARIANTE NACIONAL¹

João Machado de Queiroz

RESUMO: O presente trabalho se propõe realizar um breve estudo sobre o vocabulário particular do futebol, utilizado na mídia impressa, a partir de uma comparação entre o seu léxico no Brasil e em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Variantes diatópicas; lexicologia; lexicografia; expressões idiomáticas.

¹ Adaptação de parte de um projeto de tese de doutorado, provisoriamente intitulado "A linguagem popular do futebol - uma abordagem lexicológica e lexicográfica".

² "São primeira e primeiramente as linguagens técnicas. Estas serão constituídas, em contraste com aquelas (a linguagem comum), pelo inventário léxico peculiar às diversas comunidades menores compreendidas naquela comunidade extensa, cujos componentes se acham ligados por uma forma particular de atividade - profissional, mas também científica ou lúdica (da arte dos desportos, dos jogos), em termos genéricos, cultural. Estas são pois as linguagens do médico, do jurista do químico, do construtor, do marinheiro... e também do lingüista" (Carvalho, 1973: 334).

1. Introdução:

O futebol, um esporte de massa, praticado em todas as regiões do Brasil e de Portugal, determinou o surgimento de uma variante lingüística, com um vocabulário particular, que fascina e se incorpora em todas as camadas da população, independente de variáveis como sexo, faixa etária e nível sócio-cultural.

Observa-se um influência recíproca, no plano lexical, entre a linguagem particular do futebol, por nós considerada uma modalidade de linguagem especial,²

e a linguagem comum.³ Aquela recolhe material da linguagem comum, com a finalidade de ampliar e enriquecer seu acervo vocabular/frasal: “zona do agrião” - “arrumar a cozinha” - “cozinhar o jogo” - “comer pelas beiradas” - “queimar o filme” - “requentar a jogada” - “a vaca foi pro brejo”, “abrir as pernas”; enquanto esta incorpora termos e expressões próprias do universo do futebol ao seu vocabulário do dia-a-dia. Exemplos: “bola fora” - “pisar na bola” - entrar de sola” - “dar bola” - “jogar pra escanteio” - “dar um bico na crise”, - “coluna do meio” - “ficar na marca do pênalti”, - “jogar no time”, - “tirar o time de campo”, etc.

2. Língua e sociedade:

A língua, segundo Saussure⁴ (1975), é um fenômeno eminentemente social, um instrumento de comunicação. Ela é constituída de signos específicos, disponíveis aos membros de uma comunidade sócio-lingüística e cultural, com uma estrutura funcional que repousa em um sistema limitado de regras e sua finalidade primordial é realizar o processo de comunicação/interação entre seus usuários e o meio social, para expressar a realidade extralingüística vivenciada por esses falantes.

Partindo de uma inegável relação entre língua e sociedade, podemos também presumir, também, uma indissociável relação entre variante lingüística e variante social, pois a língua é antes de tudo um produto social e assim deve ser entendida.

Quando se procede à análise da linguagem de uma comunidade particular (no interior de uma comunidade extensa), não se deve separá-la do contexto que gera e, simultaneamente reflete, nem tampouco dissociá-la do grupo que dela faz uso.

O indivíduo ao declarar publicamente a preferência por um determinado clube de futebol assume uma marca de identidade grupal que transcende ao próprio esporte, tornando-se uma maneira de ser.

³ “Inventário léxico e fraseológico referente aos conceitos conhecidos, em princípio, por todos e cada um dos membros de uma comunidade extensa (mas lingüisticamente homogênea) independente de sua profissão, seu sexo e até certo ponto de sua idade, admitindo que esses indivíduos atingiram já um grau de adiantamento de desenvolvimento mental e cultural” (Carvalho, 1973: 334).

⁴ Ferdinand de Saussure - lingüista suíço, nascido em Genebra em 1857, iniciador dos modernos estudos lingüísticos.

A partir do momento que essa pessoa manifesta essa simpatia torna-se um torcedor⁵ e sua vida pessoal e profissional estarão orientadas pelo desempenho de sua equipe em determinado jogo ou no decorrer de uma temporada.

Sentimentos como alegria, tristeza, expectativa, desapontamento, vibração, euforia, surpresa e espanto passam a ser reações que se incorporarão ao dia-a-dia desse torcedor, com profundos reflexos em seu comportamento social e consequentemente em sua linguagem⁶.

A linguagem particular do futebol, como todas as linguagens especiais, apresenta variantes⁷ de ordem diatópicas (decorrentes do espaço geográfico), diastráticas (decorrentes dos diferentes estratos sociais) e diafásicas (decorrentes da situação em que se realiza o ato de fala: expressividade e estilo).

Neste observatório, as variantes detectadas no vocabulário do futebol na imprensa brasileira e lusitana, constituirão o instrumento para nossas reflexões, pois as diferenças básicas entre linguagem comum e linguagem especial localizam-se, fundamentalmente, no plano lexical da língua.

A linguagem especial se forma a partir da linguagem comum, ou seja, a partir do repertório léxico e fraseológico de conceitos já conhecidos pelos membros da comunidade lingüística, sem levar em conta as variáveis⁸ como: profissão, sexo, nível cultural, faixa etária, etc.

3. Linguagem comum e linguagem especial:

Quando o sistema de signos e sinais de uma língua é empregado com o fim particular e restrito, como nomear métodos técnicas, ferramentas, utensílios, atitudes, regras comportamentais, enfim, as atividades próprias de um grupo sócio-profissional e de seus adeptos (na linguagem própria do futebol denominados torcedores), estamos diante de uma linguagem especial.

A linguagem especial é um termo de grande abrangência, englobando as linguagens: técnica, profissional

⁵ Indivíduo que publicamente declaram sua simpatia por uma equipe de futebol.

⁶ "Sistema de signos capaz de servir à comunicação entre os indivíduos. Compreende a fala, a escrita, sons, gestos, imagens, formas, etc." (Lage, 1993: 73)

⁷ "Várias maneiras de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade" (Tarallo, 1985: 88).

⁸ Empregamos a terminologia variáveis quando nos referimos a um grupo de variantes.

e a gíria. Na linguagem especial encontramos fatores psicológicos e sociais que determinam o agrupamento dos indivíduos, no interior de uma comunidade lingüística, de acordo com suas atividades profissionais, religiosas, lúdicas, esportivas, etc., que se expressam utilizando o cerne comum da língua (a linguagem comum), entretanto, empregam também certas particularidades expressivas de grupos restritos (a linguagem especial) como meio para demarcar, lingüisticamente uma identidade grupal.

Contudo não existe um consenso entre os lingüistas quanto à utilização do termo linguagem especial, pois para alguns ele deve ser abrangente, englobando a gíria e as linguagens técnica e profissional,⁹ para outros ele deve ser empregado segundo sua especificidade.

A linguagem comum será, portanto, o alicerce da linguagem especial e esta, o processo metalingüístico daquela.

Neste observatório adotaremos as concepções teórico-lingüísticas propostas por Herculano de Carvalho (1973: 334) sobre a linguagem comum e a linguagem especial, pois sua visão do assunto nos parece mais objetiva e esclarecedora, além de melhor se enquadrar dentro da proposição deste trabalho.

4. Neologia, neologismo, gíria e jargão (tecnoleto):

A gíria¹⁰ é resultante da aplicação de um novo significado às formas que já existem no sistema lingüístico comum, ou alterados por expansão semântica.

A criação gíriática tem sua motivação polarizada, basicamente, em dois aspectos: a) criar uma barreira comunicativa entre o grupo que a utiliza e os demais elementos da comunidade lingüística. Como exemplo podemos citar a gíria dos ladrões, dos contrabandistas, dos traficantes e outros grupos marginais; b) veicular idéias a partir de uma motivação lúdico-emotiva. Como exemplo a linguagem dos estudantes e de praticantes de esportes radicais (sur-

⁹ "Finalmente los tecnoletos e jergas profesionales, conjunto del vocabulário específico de un oficio o profesión, generalmente inninteligible para él hablante común, sin un estudio especial" (Wartburg, *apud* Giraldo, 1982: 23).

¹⁰ "Gíria é língua técnica usada pelos indivíduos quando postos em circunstâncias especiais. Estas podem ser o grupo social ou profissional a que pertence o falante ou a diversas situações da vida cotidiana. Há dois tipos de gíria: a língua técnica propriamente dita, cuja finalidade é a precisão, pertence ao âmbito das classes profissionais e pode ser falada ou escrita, e a gíria que é mais uma variante expressiva da língua falada e é usada por todos os falantes do grupo" (Borba, 1975: 77).

fe, esqueite, alpinismo, etc.) que em busca de expressividade trocam expressões de função nocional-comunicativa por outras mais criativas, com o intuito de manter a identidade e a “consciência tribal”.

Cabello (1991) define neologismo como: “Uma acepção nova, introduzida no vocabulário de uma língua em época determinada; acepção essa que se pode manifestar ou por palavra nova (neologismo formal), ou por mudança de classe gramatical, ou por palavra já empregada, mas de sentido diferente (neologismo conceptual).”

Ressalte-se que a gíria e o neologismo provêm de origem distinta. O neologismo tem raízes em uma língua estrangeira, quase sempre de um centro emanador de cultura; enquanto a gíria origina-se de grupos restritos (inseridos em outros, pertencentes a uma mesma comunidade).

A gíria do futebol, empregada pelos boleiros¹¹ e profissionais que militam na mídia (imprensa e eletrônica), ao contrário da linguagem utilizada pelos grupos marginais, não tem caráter criptográfico, ou seja, seu objetivo não é distanciar-se do público a quem o noticiário é destinado, embora esse registro, em determinados contextos, possa apresentar dificuldades de decodificação aos não iniciados.

O processo de criação lexical é denominado neologia e o produto resultante desse processo (o termo, a expressão, a criação vocabular e frasal) se constitui no neologismo.

A mídia impressa (jornais e revistas) e eletrônica (rádio e televisão), meios de comunicação em massa, são os responsáveis pela divulgação e propagação dos neologismos.

O conceito de jargão¹² pode ser o de gíria, quando tomado em sua acepção restrita, ou seja, uma linguagem marginal, hermética, utilizada como meio de defesa e identificação de

um grupo particular.

Os tecnoletos e os jargões se constituem em variantes sócio-lingüísticas indicadoras de grupos (como o grupo dos adeptos do futebol), numa perspectiva diastrática, tomados no interior da comunidade que deles faz uso e simultaneamente os dissemina.

¹¹ “Boleiro - (1) Jogador de futebol em atividade ou não. (2) Entendido em futebol. (3) Conhecedor dos bastidores do futebol.

¹² “A distinção entre jargão e gíria é que esta se correlaciona com grupos sociais, enquanto que aquele com grupos profissionais (da mesma forma que o neologismo”. (Cabello, 1991).

5. Estrangeirismo e empréstimo:

Os lexemas¹³ oriundos de outros sistemas lingüísticos se constituem em estrangeirismos¹⁴ ou empréstimos¹⁵.

A maioria dos estrangeirismos não estão incorporados sob o rótulo de gíria, mas se localizam no interior de linguagens de especialidade, denominadas tecnoletos¹⁶ (linguagem dos esportes, do jornalismo, da publicidade, etc.).

O termo estrangeirismo (e suas variantes terminológicas: xenismo e cenismo) é aplicado ao lexema oriundo de outro sistema lingüístico que permanece com sua grafia original ao se incorporar à língua adotante (mesmo que ele seja amplamente utilizado pela comunidade). Exemplos: "show", "fast food", "windows", "jingle", "pit stop", "business", "look", "doping", etc.

O termo é classificado como empréstimo quando sofre processo de integração morfológica na língua adotante e passa a ser de domínio corrente, deixando de ser notado como elemento proveniente de outro sistema lingüístico. Exemplos: gol [ing. goal], futebol [ing. football], chute [ing. shoot], etc.

No vocabulário do futebol é marcante a presença de estrangeirismos de origem inglesa¹⁷, já que foi na Inglaterra onde se regulamentou e desenvolveu o futebol como hoje conhecemos¹⁸. Entre os inúmeros estrangeirismos de origem inglesa, constituídos por lexias¹⁹ simples e compostas, que se incorporaram ao vocabulário técnico do futebol no Brasil, podemos assinalar: back (be-

João Machado de Queiroz

¹³ "O lexema é o elemento da língua, a forma básica, que fundamenta as possíveis formas do discurso os possíveis significados (sentidos ou variantes do discurso) da palavra" (Vilela, 1979: 61).

¹⁴ "Numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema lingüístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma" (Alves, 1990: 73).

¹⁵ "Incluem-se, tratando-se de estrangeirismos, os nomes próprios, patronímicos, termos que exprimem realidades sem correspondência na língua receptora; o empréstimo constitui o elemento já integrado ao sistema lingüístico adotante" (Alves, 1984: 119)

¹⁶ "Tecnoletos ou línguas de especialidade constituem linguagens de grupo que, do ponto de vista lingüístico, classificam-se por diferenciações diastráticas. Especificam linguagens técnicas e científicas, pela importância que assumem no universo de conhecimento" (Laface, 1997: 02) - xerox.

¹⁷ Denominados anglicismos.

¹⁸ Daí a justificativa da denominação "esporte bretão".

¹⁹ Entende-se por lexia a realização discursiva de um lexema. O lexema -gato pode manifestar-se discursivamente como: -gatos, gata, gatas, gatinha, etc. tratando-se, pois de lexias. A lexia simples pode ser uma palavra: menino, gato, livro, etc.: a lexia composta pode conter várias palavras em vias de lexicalização ou já lexicalizadas: bate-pronto, tiro de meta (já lexicalizadas); maria-chuteira (jovem que assedia jogadores de futebol (não-lexicalizada), kit-jogador (carro importado, relógio Rolex e uma namorada loira), etc.

que, zagueiro), corner (escanteio), foul (falta), goal (gol, baliza), hand (toque com a mão), match (jogo, partida), penalty (penalt, penalidade máxima), placard (placar, marcador), score (contagem, marcador), scratch (seleção), team (time, equipe), goal average (média de gols), goal keeper (goleiro), off-side (fora de jogo, impedimento), etc.

Outros sistemas lingüísticos, embora com um menor índice de produtividade, também contribuíram na formação da linguagem futebolística: Italiano = - libero (jogador que atua desmarcado) - Espanhol = - firula (virtuosismo), - alambrado (cerca de arame que circunda o campo), - gandula (apanhador de bolas) - Francês = - equipe (time), etc.

6. A linguagem da imprensa:

A imprensa, como outros veículos de comunicação de massa, permite ao homem realizar o processo de participação, interação e relacionamento global com o universo.

Optamos, neste observatório, por direcionarmos nossa análise na linguagem utilizada pela mídia impressa (convencional e on line) por ser ela portadora de estatuto mais substancial e formal.

A linguagem jornalística distingue-se pela função referencial²⁰, caracterizando-se por introduzir o leitor na realidade do mundo, conciliando a eficiência comunicacional e a aceitabilidade social, decorrendo, então, uma íntima relação entre a linguagem da imprensa e o meio social.

Basicamente, a diferença entre a mídia²¹ esportiva impressa e a mídia esportiva eletrônica está no tratamento que cada uma delas dá a sua matéria-prima: a palavra.

Na mídia eletrônica (rádio e em alguns contextos específicos a televisão) a divulgação de eventos esportivos é feita através de transmissões de jogos, reportagens, entrevistas (antes, no intervalo e após os jogos com personagens que compõem o universo desportivo), mesas redondas, etc. Os profissionais incumbidos de cobrir esses eventos em-

²⁰ "Função referencial (ou denotativa) - revela orientação para o contexto. Por exemplo: na mensagem verbal, como o relato de um jornalista sobre um acidente; um texto técnico ou científico que descreve um objeto e/ou experiência" (Jovanovic, 1987: 45).

²¹ "Mídia: volume socialmente distribuído de veiculação da mensagem. Conjunto de meios de comunicação. Do latim media (plural de medium), através do inglês que emprestou à palavra sua pronúncia" (Lage, 1983: 73).

pregam, intencionalmente, uma linguagem rebuscada numa busca constante pela criatividade verbal. Os motivos que levam esses profissionais a agir dessa maneira vão desde a necessidade de imprimir sua marca pessoal às transmissões (ser de pronto reconhecido pelos ouvintes); até à luta pela audiência registrada pelos diversos institutos de pesquisa da opinião pública, pressionando-os para que criem novas terminologias a fim de fugir à transmissões padronizadas, pejorativamente denominadas “pasteurizadas”. Outra característica, das transmissões é a improvisação e a inventividade para preencher os espaços ociosos durante a cobertura de um evento.

Ao contrário do profissional que milita na imprensa falada, o redator esportivo, via de regra, cultiva uma linguagem que difere de outros órgãos da mídia, embora compartilhe de inúmeros termos e expressões utilizados por suas co-irmãs (rádio e televisão). O profissional da imprensa tem sua criatividade semântico/vocabular delimitada pelos espaços correspondentes às colunas do jornal²² ou da revista²³ que publicam seus textos, o que justifica sua linguagem mais conservadora (principalmente se tratando de editoriais).

Contudo, convém ressaltar, o emprego constante de clichês e frases feitas pode não ser um indicativo de veia criativa por parte desse profissional, mas resultado de pobreza vocabular e falta de domínio da estrutura morfossintática da língua portuguesa.

7. Economia verbal e expressividade:

A mídia impressa, principalmente os jornais, são indústrias que vendem espaço no papel e, conseqüentemente há uma preocupação constante com a redução do custo operacional sem prejuízo da eficácia comunicacional, ou seja, economizar palavras (economizando espaço), para gerar redução de custos.

Dentre as estratégias adotadas para a economia vocabular encontramos a truncação²⁴: Fla(mengo)-Flu(minense) e a palavra-valise²⁵: Grê(mio) X (Internacio)nal são as mais usuais: Clássico

²² “Jornal: veículo impresso, de tiragem regular, com periodicidade definida, que se apresenta em folhas soltas arrumadas em cadernos” (Lage, 1985: 59).

²³ “Revista: publicação com periodicidade semanal, quinzenal, mensal, bimestral ou trimestral, grampeada em canoa, ou em brochura com lombada, que trata de assuntos gerais ou especializados” (Lage 1985: 61).

²⁴ “A formação de palavras pelo processo da truncação constitui um tipo de abreviação em que uma parte da seqüência lexical, geralmente a final, é eliminada” (Alves 1992: 69).

²⁵ “Por meio do processo denominado palavra-valise, em que também se manifesta um tipo de redução, duas bases são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde a parte final e outra sua parte inicial” (Alves, 1992: 69).

San-São (Santos e São Paulo), Atle-Tiba (Atlético e Coritiba), Ba-Vi (Bahia e Vitória), etc.

Tratando-se de lexias compostas, a economia vocabular geralmente, efetua-se pelo apagamento do primeiro elemento do composto: Botafogo -Bota, Ponte Preta -Ponte.

Interessante é a forma de truncação em que se apaga um segmento medial do lexema para em seguida anexar-se o fonema /a/, em seu segmento final: -Marac(anã) + -a = Maraca, Floria(nó)p(olis) + -a + Floripa, Riv(elino) + -a + Riva.

No que tange à busca pela expressividade cabe registrar a incorporação, pela linguagem do futebol, termos pertencentes a outros campos lexicais:

- a) *Domínio da culinária*: arrumar a cozinha (aperfeiçoar o sistema defensivo) - cozinhar o galo (imprimir ritmo lento ao jogo) - desandar a maionese (situação irreparável);
- b) *Domínio bélico*: artilheiro (melhor marcador de gols) - canhão (chute potentíssimo) - flancos (atacar pelas laterais do campo) - pelota (a bola);
- c) *Domínio dos transportes*: bicicleta (projetar-se no ar, de costas para o solo, em posição semi-deitada) - bonde (jogador pesado ou ultrapassado) - carrinho (projetar-se ao solo deslizando em posição semi-deitada);
- d) *Domínio das artes marciais*: pernada (atingir o adversário com as pernas) - rabo-de-arraia (apoiar as mãos no solo e elevar as

²⁶ “Morte súbita é uma expressão mórbida, retratando a inexorável possibilidade de uma equipe continuar lutando pelo título. Esta expressão está ligada ao campo semântico do aniquilamento total, efeito de uma superioridade flagrante de um adversário sobre o outro e, também porque a partida de futebol é vista como uma verdadeira batalha (guerra), onde os vencidos tudo perdem, inclusive a vida”. (Feijó, 1994: 119).

²⁷ “É na feitura do gol, conclusão do ato de posse, que se manifesta a satisfação completa: quando do gol abertura (meta) recebe a bola dominada (mulher possuída), e concretizado o gol satisfação (ponto)” (Fernández, 1974: 113).

pernas na altura da cabeça do adversário) - tesoura (atingir o adversário com as pernas, num movimento que lembra uma tesoura);

- e) *Domínio da violência ou da exterminação*: cacetada (lance violento) - matador (marcador de gols) - morte súbita²⁶ (término da prorrogação de uma partida após a marcação de um gol) - porrada (lance violento);
- f) *Domínio do sexualismo, sensualidade e feminilidade*²⁷: abrir as pernas (facilitar para o adversário) - criança (a bola) - menina (a bola) - acariciar a menina (admirável domínio da bola) - chamar a criança de meu bem (controle de bo-la) - gorduchinha (a bola) - romper o véu da noiva (marcar um gol); e

g) *Domínio da contravenção*: bicho (importância em dinheiro ou bens recebida pelo atleta por um resultado favorável da equipe) - gato (jogador que altera, para menos, a sua idade) - zebra (resultado inesperado).

O emprego de sufixos aumentativos, com valoração positiva, é prática comum na linguagem da imprensa desportiva, criando formações de conotação hiperbólica e, por vezes, inusitadas: canhonaço, goleiraço, jogadaço, jogadorzão, timão, etc. Contudo esses sufixos podem também ser portadores de conotação depreciativa como em: - bicão, chutão, frangaço, Mineirão, tapetão, etc.

Os sufixos diminutivos, principalmente -inho(a), podem, de acordo com o contexto, ser portadores de semas que expressam ternura ou serem extremamente desvalorativos:

- a) *Com valor afetivo*: expressinho, bandeirinha, craquinho, embaixadinha, gandulinha, paradinha, toquinho, etc.
- b) *Com valor depreciativo*: chutinho, goleirinho, jogadorzinho, timinho, etc.

Sem possuir os recursos disponíveis da linguagem oral, a imprensa escrita utiliza de neologismos conceptuais²⁸ resultantes de analogias, contigüidades e associações. É freqüente o emprego de termos como: alçapão (estádio onde a torcida fica muito próxima do campo) - amarelar (acovardar-se diante do adversário) - banheira (posição de impedimento) - chapéu (tocar sutilmente a bola sobre a cabeça do adversário) - maricota (a bola) - pipocar (saltar para evitar o choque físico com o adversário) - torpedo (chute potente), etc.

8. Terminologia do futebol no Brasil e em Portugal:

Neste segmento, selecionaremos e analisaremos, mediante uma coleta de dados nos mais expressivos jornais (online) brasileiros e portugueses, alguns termos da linguagem própria do futebol destes dois países, que, em comum,

²⁸ Neologismo conceptual ou semântico ocorre quando se opera mudança de significado numa unidade lexical já existente na língua, constituindo-se, portanto em um fenômeno metafórico, resultando na transferência dessa unidade léxica para outro campo nocional. - "Juiz garfa timão no clássico." Notícias Populares 29-09-97, p. 07. O significado básico de garfar é: utilizar-se do garfo para revolver alimentos. Contudo, nesse contexto, o termo foi deslocado para outro campo semântico, com uma nova acepção: ser lesado pela arbitragem. Essa reorganização na rede sêmica recebe a denominação de neologia conceptual ou semântica.

compartilham o mesmo sistema lingüístico. Como já enfatizamos anteriormente, as variantes lingüísticas prendem-se fundamentalmente ao universo lexical, portanto serão o centro de interesse deste observatório.

Iniciaremos registrando os termos e expressões usados no Brasil e, em seguida, os correspondentes na variante lusitana, devidamente abonados e da maneira que foram atualizados em seus respectivos órgãos de imprensa.

artilheiro (1)²⁹ = pistoleiro: “Ontem após o último treino do ano para os boavistas, o pistoleiro Silva reconheceu que a presente temporada não está a correr mal” (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiomanha.pt/ - 31-01-2001).

artilheiro (2) = melhor marcador³⁰: “O ponta de lança do Vasco da Gama, que completa 36 anos no próximo dia 29 de fevereiro, conquistou pela primeira vez o título de melhor marcador do campeonato, com 21 golos” (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiodamanha.pt/ - 27-12-2001).

atacante = avançado: “Na altura em que o Jorge Silva é expulso arrisquei, colocando um avançado, mas não deu, lamentou o técnico Mário Reis” (Sapo. Lisboa: http://informdesporto.sapo.pt/ - 11-02-2002).

*ataques*³¹ = hostilidades: “Morientes, a passe de Raul, encarregou-se de abrir as hostilidades, com apenas cinco minutos de tempo jogado” (Sapo. Lisboa: http://inf.desporto.sapo.pt/ - 07-01-2002).

auxiliar técnico = adjunto: “Resta saber se os responsáveis do clube irão ou não reforçar a equipa técnica com a contratação de um adjunto” (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiomanha.pt/ - 31-12-2001).

bola = esférico: “Rodrigo recebeu o esférico no centro do terreno e fez abertura para Bruno Mestre” (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiomanha.pt/ - 07-01-2002).

bola chutada = bola pontapeada: “O árbitro Martins dos Santos anulou o golo dos encarnados, uma vez que a bola pontapeada, no tiro de baliza nem se moveu, como manda a Lei XII dos regulamentos do jogo” (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiomanha.pt/ - 18-02-2002).

²⁹ É comum, na linguagem especial do futebol, o emprego de termos relacionados à guerra. Metaforicamente a partida é vista como o encontro entre inimigos irreconciliáveis e o objetivo é aniquilá-los. Daí o emprego de termos pertencentes ao campo lexical relacionados ao domínio bélico: artilheiro, bomba, flanco, fuzilar, petardo, tiro, etc.

³⁰ No Brasil o termo *-marcador* é empregado com outra acepção: jogador que tem a função de vigiar o adversário, impedindo-o de receber e dominar a bola.

³¹ A presença de termos relacionados à violência é usual no vocabulário futebolístico: duelo, morte súbita, cacetada, paulada, sarrafada, etc.

bom jogo = boa jogatona: "Para quem esteve tanto tempo parado Zalvic fez uma boa jogatona, Sábado, no Parque das Antas" (Jornal: Record. Lisboa: /www.record.pt/ 15-12-2001).

cabeçada = cabeceamento: "Após um cabeceamento de Ico ao poste, a bola sobra para Hugo Henrique que não teve dificuldade para empatar o jogo" (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiomanha.pt/ - 16-05-2002).

camiseta = camisola: "Ver Vítor Baía regressar depois de mais de cerca de ano e meio com a camisola azul e branca é sempre motivo de regozijo" (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: /www.dn.pt/ - 31-12-2002).

centro de treinamento = centro de estágio: "O Sporting apresenta esta manhã aos jornalistas, o novo centro de estágios dos "leões", localizado em Alcochete" (Sapo. Lisboa: http://inf.desporto.sapo.pt/ - 07-01-2002).

centro-avante nato = avançado de raiz: "Bötöni decidiu então dar o tudo por tudo, fazendo entrar Gisvi, um avançado de raiz" (Jornal: Record. Lisboa: /www.record.pt/ - 8-01-2002).

chance = hipótese: "Arrancada fenomenal de Deco, que percorre quase meio campo com a bola e à entrada da grande área encarnada atira rasteiro para a direita, sem hipótese para o guarda-redes Enke" (Sapo. Lisboa: /www.informdesporto.sapo.pt/ - 11-02-2002).

chutar na trave = rematar à barra: "Aos 68' executou cruzamento perfeito para a cabeçada de Nículäe que rematou à barra" (Jornal: Record. Lisboa: /www.record.pt/ - 15-01-2001).

chute-bomba = pontapé-canhão: "A troca de Castanheiro por Paulo Gomes permitiu o adiantamento de Barroso e a conseqüente ameaça de um pontapé-canhão do arsenalista" (Jornal: O Jogo. Lisboa: /www.ojogo.pt/ - 03-04-2-002).

controle de bola = controlo do esférico: "Não distante, o sinal mais em termos ofensivos pertenceu à equipa portuguesa, através de uma melhor adaptação ao relvado e de um eficaz controlo do esférico" (Jornal: Correio da Manhã. Porto: /www.correiodamanha.pt/ - 14-02-2002).

desempenho = prestação: "Não é fácil avaliar jogadores baseados apenas nas suas prestações anteriores" (Sapo. Lisboa: http://infordesporto.sapo.pt/ 11-02-2002).

empatar em dois gols = empatar a duas bolas: "O Vitória de Guimarães e o Sporting de Braga empataram a duas bolas" (Sapo. Lisboa: http://infordesporto.sapo.pt/ - 08-01-2002).

entrar com violência = entrar a matar: "Zidane sempre foi um jogador rijo, que muitas entra a matar" (Revista: Relvado. Lisboa: /www.relvado.com.pt/ - 20-12-2001).

entregar de bandeja = oferecer em mão: “Mas o iugoslavo não tardou em se vingar mercê de um arranque empolgante até oferecer em mão o golo de Jankauskas” (Jornal: O Jogo. Porto: /www.ojogo.pt/ - 18-02-2002).

equipe = equipa: “O Forense seria a primeira equipa a balançar as redes adversárias” (Jornal Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiomanha.pt/ - 07-01-2002).

escanteio = pontapé de canto: “E foi isso mesmo que aconteceu aos 20 minutos com Jardel a assinalar o primeiro tento na seqüência de um pontapé de canto” (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiomanha.pt/ - 02-02-2002).

final de temporada = final de época: “Segundo a agência espanhola de informações EFE, o Celta de Vigo terá chegado hoje a acordo com o F.C. do Porto para ceder o avançado equatoriano até o final da época” (Sapo. Lisboa: http://infor.desporto.sapo.pt/ - 07-01-2002).

gol (1) = tento: “O Farense armou uma muralha defensiva e não deixava os avançados de Boloni encontrar o tento” (Jornal Diário de Notícias. Lisboa: /www.dn.pt/ - 07-01-2002).

gol (2) = golo: “Um bom exemplo do futebol ansioso que definiu o encontro foi o golo do empate espanhol” (Jornal: O Jogo. Lisboa: /www.ojogo.pt/ - 14-02-2002).

gol marcado = golo apontado: “Com o golo apontado à V. Leiria, o avançado Martelinho acabou por igualar à fasquia atingida na época passada” (Jornal: Record. Lisboa: /www.record.pt/ 13-02-2002).

goleiro (1) = guardaião: “O guardaião ainda adiou ao golo de empate aos 38 minutos com uma enorme defesa” (Jornal: Correio da Manhã. Porto: /www.correiodamanha.pt/ - 14-02-2002).

goleiro (2) = guarda-valas: “Os campeões nacionais dominaram os acontecimentos e aproveitaram um erro do tamanho do campo, cometido pelo guarda-valas” (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiodamanha.pt/ - 02-02-2002).

goleiro (3) = guarda-redes: “O guarda-redes Yannick consolidou seu estatuto de figura do jogo com duas grandes intervenções” (Jornal Correio da Manhã. Lisboa: /www.correiomanha.pt/ - 07-02-2002).

*gols*³² = golos: “Jardel já acumula, nada mais nada menos do que 39 golos” (Sapo.: Lisboa: http://www.infordesporto.sapo.pt/ - 15-02.2002).

³² O fonema /l/ final de sílaba, em sua variante brasileira, é pronunciado, na maioria das regiões, como a semivogal /w/ = /u/. A vocalização do -l permite a pluralização de -gol mediante o acréscimo do morfema flexional de número -s: -gol + -s = -gols, embora a forma plural -ls “contrarie o espírito da língua”.

Na variante lusitana o termo -gol, ao se incorporar à estrutura lexical, já como empréstimo, adapta-se ao sistema fonológico/ortográfico da língua recebendo preliminarmente a vogal temática -o: -gol + -o (= vogal temática) + -s (= morfema flexional de número) = -golos.

gramado = relvado: "Boloni levou seus jogadores para o relvado e deu início a um coletivo" (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: /www.dn.pt/ - 07-01-2002).

impedimento = fora-de-jogo: "Terám apenas o árbitro traído por um auxiliar, no quarto gol portistas, por não marcar o flagraante fora-de-jogo?" (Sapo. Lisboa: /www.infordesporto.sapo.pt/ - 22-04-2002).

inegociáveis = indisponíveis: "Zahovic, Montorias, Argel e Sokota estiveram ausentes ao treinamento desta manhã, tendo-se Simão juntado ao lote de jogadores indisponíveis dos encarnados" (Sapo://inf.desporto.sapo.pt/ - 20-12-2001).

jogador de pegada = jogador de nervo: "O técnico boavistense antevendo um jogo rápido e de combate, utilizou no meio dois jogadores de nervo" (Sapo. Lisboa. http//inf.desporto.sapo.pt/ - 07-01-2002).

jogar marcando = jogar a trinco: "Se me importava jogar a trinco contra o Gil Vicente? Quem escolhe é o técnico" (Jornal: Record. Lisboa: /www.record.pt/ - 11-02-2002).

jogo amistoso = jogo amigável: "Jeizy Engel, seleccionador da Polônia anunciou ontem uma lista de 24 convocados paara o jogo amigável com a Estônia" (Sapo. Lisboa: http//infordesporto.sapo.pt/ - 01-05-2002).

jogo corrido = jogo útil: "Os boavisteiros derrotaram o Benfica, com um gol solitário de Silva, logo após os 6 m, numa partida com apenas 35 por cento de jogo útil" (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: /www.dn.pt/ 27-12-2001).

jogo de volta = jogo de segunda mão: "Mais uma semana, mais um jogo perdido, desta vez foi na Taça de Portugal , num jogo de segunda mão com o Marítimo" (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: /www.dn.pt/ - 27-12-2001).

juventude = frescura: "Entrou bem na partida aproveitando a frescura e o talento nem sempre reconhecido" (Jornal Record. Lisboa: /www.record.pt./ - 15-12-2001).

marcar (gols) = apontar (golos): "O avançado açoriano Pauleta, que neste fim de semana apontou mais dois golos pelo Bordéus, foi eleito pelo jornal "France Soir" como o terceiro melhor futebolista do mês de janeiro" (Sapo. Lisboa http//infdesporto.sapo.pt/ - 19-02-2002).

meio da rua = fundo da rua: "Os encarnados conseguiram mesmo uma nova vitalidade criando perigo com um colocado remate de Anderson lá do fundo da rua" (Sapo. Lisboa: http//infordesporto.sapo.pt/ - 11-02-2002).

miolo da área = coração da área: "O avançado Hélio, no coração da área atira para o fundo das redes, após um erro defensivo de Rui Oscar" (Sapo. Lisboa: http//inf.desporto.sapo.pt/ - 07-01-2002).

oitavas de final = oitavos-de-final: “O F.C. Porto e o Sporting garantiram a passagem para os oitavos-de-final da Taça de Portugal” (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: /www.nt.pt/ - 07-02-2002).

penalidade máxima = grande penalidade: “O árbitro tentou ser imparcial, mas meteu os pés pelas mãos ao não assinalar uma grande penalidade de Argel e de João Pinto sobre Argel” (Jornal Record. Lisboa: /www.record.pt/ - 15-01-2001).

*pênalti*³³ = penákti: “O juiz assinalou um penákti duvidoso contra o Bayer, Ballack chamou-o de batoteiro e terá, agora, que se explicar à federação alemã” (Jornal: O Jogo. Lisboa: /www.ojogo.pt/ - 19-02-2002).

ponta = extremo: “Num lance houve a fechar a primeira parte, o extremo vai à linha de fundo e passa por vários adversários” (Jornal: Record. Lisboa: /www.record.pt/ - 08-01-2002).

jovem = puto: “O lateral esquerdo do Benfica acabou por beneficiar com o nervosismo da estréia do jovem do Sporting” (Jornal Record. Lisboa: /www.record.pt/ - 15-12-2001).

raspar o travessão = rasar a moldura: “Rui Lima aproveita uma bola perdida e remata de primeira, com o esférico a rasar a moldura” (Sapo. Lisboa: http://informdesporto.sapo.pt/ - 11-02-2002).

rebaixado = despromovido: “O Farense já despromovido à II Liga guindou o Alavenca a mesma sorte” (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: /www.dn.pt/ 22-04-2002).

rebote = ressalto: “O avançado portista conseguiu o tento através de um ressalto, depois de defesa de Baptista” (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: /www.correioanha.pt/ - 03-04-2002).

rodada = ronda: “O Marítimo já sonhava com a passagem para a próxima ronda” (Jornal Correio da Manhã. Lisboa: /www.correioanha.pt/ - 28-12-2001).

semifinal = meia-final: “A 2ª mão da outra meia-final disputa-se esta Quarta-feira em Madrid entre o Real e o Barcelona” (Sapo. Lisboa: http://infordesporto.sapo.pt/ - 01-05-2002).

suspensão = castigo: “De regresso à equipa, após cumprir um jogo de castigo, o defesa Élder retorna ao União de Leiria” (Jornal: O Jogo. Porto: /www.ojogo.pt/ - 14-12-2001).

*tempo*³⁴ = parte: “Um golo, em cada parte de Pena, e Alenitchev fizeram a história do encontro que encerrou a temporada” (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: /www.dn.pt/ - 04-01-2002).

tiro de meta = pontapé de baliza: “A toada do jogo era muitos passes errados, bolas perdidas e pontapés de baliza de guarda-redes a guarda-redes” (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: /www.dn.pt/ - 11-02-2002).

³³ No Brasil, o vocábulo - pênalti é proparoxítono, adotando a seqüência fônica da língua de origem, já na variante lusitana é paroxítono -penákti, como ocorre com outros empréstimos oriundos do inglês (Sporting - Sport(i)ng).

³⁴ Cada período de 45 minutos de uma partida de futebol.

tocar a bola = circular o esférico: “O Benfica entrou um pouco melhor a circular a bola, principalmente no meio do terreno” (Sapo. Lisboa: <http://www.infordesporto.sapo.pt/> - 22-04-2002).

torcedores = adeptos: “Marinho Perez reconheceu que sua equipa pregou um susto violento aos adeptos, mas com garra chegou à vitória” (Sapo. Lisboa: <http://infordesporto.sapo.pt/> - 11-02-2002).

trave = poste: “Serginho (17 m) atirou de cabeça ao poste direito” (Jornal Correio da Manhã. Lisboa: [/www.correioamanha.pt/](http://www.correioamanha.pt/) - 04-01-2002).

travessão = barra: “Quim começou muito bem, cabeceando à barra aos 5' e rematando um pouco ao lado três minutos depois” (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: [/www.dn.pt/](http://www.dn.pt/) - 27-01-2001).

treinador = seleccionador: “O seleccionador espanhol insistiu sempre que os jogadores que escolheu para defrontar Portugal teriam que justificar a pretensão de ter uma oportunidade no lote de convocados” (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: [/www.dn.pt/](http://www.dn.pt/) - 15-02-2002).

vaia = assobiadela: “Figo levou a maior assobiadela da noite e, até final, a Espanha continuou mais forte” (Jornal: Correio da Manhã. Lisboa: www.correiodamanha.pt/ - 14-02.2002).

vestiário = balneário: “Esnaider, ainda longe de sua melhor condição física, ficou nos balneários no intervalo” (Jornal Diário de Notícias. Lisboa: [/www.dn.pt/](http://www.dn.pt/) - 07-01-2002).

volantes = trincos: “O meio campo Paulo Bento e Rui Bento actuaram como trincos” (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: [/www.dn.pt/](http://www.dn.pt/) - 06-01-2002).

volante = médio: “O médio Paulo Souza revela ter proposta de dois clubes estrangeiros, que se escusa nomear” (Jornal: Público. Lisboa: www.publico.pt/ 20-12-2001).

zagueiros = defesas: “A ausência de João Pinto, Jardel e Nicolãe obrigou Bölöne a alterar o esquema da equipa que se apresentou, em vez de três com quatro defesas” (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: www.dn.pt/ - 04-01-2002).

zagueiro central = defesa-central: “Beto, um jogador talhado para jogar como defesa-central, conseguiu contrariar seus detratores” (Jornal: Diário de Notícias. Lisboa: [/www.diariodenoticias.pt/](http://www.diariodenoticias.pt/) - 16-05-2002).

9. Considerações finais:

Pudemos constatar, nesta pequena amostragem, que a linguagem particular do futebol, veiculada pela mídia impressa caracteriza-se por uma busca constante da expressividade, mes-

mo com o natural cerceamento imposto pelo registro impresso, deparamo-nos com novos vocábulos, novas expressões, novas significações.

Metáforas, metonímias, hipérboles, catacreses, prosopopéias e falsas etimologias povoam a linguagem do universo futebolístico, gerando neologismos que são disseminados pela mídia e acabam por se incorporarem ao tesouro lexical da língua portuguesa.

A necessidade da afirmação profissional faz com que o redator/jornalista, que milita na área esportiva do futebol, crie um registro peculiar, uma variante própria onde jargões, clichês e desvios do padrão-culto acabam por determinar o surgimento de uma linguagem de cunho técnico/banalizada, que a primeira vista dá ao leitor a falsa impressão de intelectualidade e competência.

O cotejo entre termos relativos ao campo lexical do futebol, veiculados pela imprensa escrita brasileira e portuguesa, demonstra a maneira como cada uma delas utiliza a estrutura léxico-semântica do idioma para registrar termos e expressões relativas a uma “atividade” que está perfeitamente incorporada ao cotidiano de brasileiros e lusitanos.

Desta forma, o registro formal da linguagem própria do futebol, no âmbito da mídia impressa, em ambos países, por sua peculiaridade e por ser uma fonte inesgotável de criações neológicas representa uma importante contribuição no que diz respeito à ampliação e renovação do quadro de variantes lexicais da língua portuguesa.

10. Bibliografia:

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo - criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: lingüística computativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos**, 4. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. **Gíria e neologismo; convergências e divergências**. Franca: Anais do Seminário do GEL, 1991.

CARVALHO, J. G. Herculano de. **Teoria da linguagem**. Coimbra: Atlântica, 1973. Tomo I.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Lingüística**, 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

FEIJÓ, Luiz C. Saraiva. **A linguagem dos esportes de massa e a gíria do futebol**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: URFJ, 1994.

FERNÁNDEZ, Maria do C. L. de Oliveira. **Futebol - fenômeno lingüístico**. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1974.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo dicionário século XXI**, 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIRALDO, J.J. Montes. **El cambio lingüístico**. Bogotá: Instituto Caro e Cuervo, 1982.

JOVANOVIC, Aleksandar. **Descubra a lingüística**. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

LAGE, Nilson. **A linguagem jornalística**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

VILELA, Mário. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.

Jornais de Portugal (on line):

CORREIO DA MANHÃ. Lisboa: Disponível em www.correiodamanha.pt/, acessado em 2001-2002.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa: Disponível em www.dn.pt/, acessado em 2001-2002.

_____. Lisboa: Disponível em www.dn.lusoneido.pt/, acessado em 2001-2002.

O JOGO. Porto: Disponível em www.ojogo.pt/, acessado em 2001-2002.

PÚBLICO. Lisboa: Disponível em www.publico.pt/, acessado em 2001-2002.

RECORD. Lisboa: Disponível em www.record.pt/, acessado em 2001-2002.

SAPO. Lisboa: Disponível em <http://informdesporto.sapo.pt/>, acessado em 2001-2002.

Jornais do Brasil (on line):

GAZETA ESPORTIVA. São Paulo: Disponível em www.gazetaesportiva.com.br/, acessado em 2001-2002.

LANCE. São Paulo: Disponível em www.lancenet.ig.com.br/, acessado em 2001-2002.

Revistas de Portugal (on line):

RELVADO. Lisboa: Disponível em www.relvado.car.pt/, acessado em 2001-2002.

Revistas do Brasil (on line):

PLACAR. São Paulo: Disponível em www.placar.com.br/, acessado em 2001-2002.

João Machado de Queiroz

é Mestre em Filologia e Linguística pela
Universidade Estadual de São Paulo - UNESP.

Professor Assistente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná
- UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu.